

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Sônia Regina Alves Van Petten Zambalde

Refletindo sobre os conceitos que norteiam as relações Étnico-Raciais.

Belo Horizonte

2015

Sônia Regina Alves Van Petten Zambalde

Refletindo sobre os conceitos que norteiam as relações Étnico-Raciais.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Prof. Rodrigo Ednilson de Jesus

Belo Horizonte

2015

Sônia Regina Alves Van Petten Zambalde

Refletindo sobre os conceitos que norteiam as relações Étnico-Raciais.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Prof. Rodrigo Ednilson de Jesus

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Rodrigo Ednilson de Jesus - Faculdade de Educação da UFMG

Michele Lopes da Silva

RESUMO

O objetivo do trabalho foi discutir, esclarecer e reconstruir os conceitos das palavras-chave África, raça, preconceito, discriminação e diversidade, utilizadas nas instituições de ensino, no que se refere às relações étnico-raciais, para avaliarmos as possibilidades de ação pedagógica na implementação da lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade da inclusão da História da África e da Cultura Afro brasileira no currículo. Para isto, foram desenvolvidas discussões, junto aos alunos do 4º ano, da Escola Municipal Professor Cláudio Brandão (EMPCB), de faixa etária entre 10 (dez) e 11 (onze) anos, acerca das palavras, acima citadas. Começamos com a pesquisa sobre o continente africano, debates acerca do conceito das palavras, interpretação de letras de músicas, produção de textos, construção de murais informativos e de um álbum sobre diversidade com a participação de pais e professores de outras disciplinas. O resultado nos proporcionou a constatação do nível de conhecimento das crianças sobre os conceitos pesquisados, sua percepção sobre eles, o que foi a base para a reconstrução dos mesmos de forma adequada. Este trabalho significou o primeiro passo para uma mudança no ambiente escolar e familiar, no que se refere às relações étnico-raciais e a implantação da Lei.

Palavras-chave: África, Raça, Preconceito, Discriminação e Diversidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA	09
3. REFERENCIAIS PARA PENSAR A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA	10
a) África	
b) Raça	
c) Preconceito	
d) Discriminação	
e) Diversidade	
3.1 O papel da escola na desconstrução do preconceito	
4. CRONOGRAMA/METODOLOGIA	19
5. DESENVOLVIMENTO	21
6. CONCLUSÃO	30
7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	32
8. ANEXOS	35
9. APÊNDICE	50

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de aprofundar os estudos nos assuntos relacionados às questões raciais e adquirir um maior embasamento teórico para aplicação da Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro brasileira nas escolas públicas e privadas dos ensinos fundamental e médio, escolhi o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, na área Educação e Relações Étnico-Raciais e de Gênero.

A valorização da diversidade brasileira e o reconhecimento da participação efetiva de africanos e afrodescendentes na construção da sociedade nacional, explícitos na Lei, gera uma demanda específica na formação de professores na aplicação desta nova temática, até então apagada dos currículos escolares.

As disciplinas ministradas no decorrer do curso de Pós-Graduação envolveram uma discussão em torno de muitos conceitos e definições fundamentais para a construção do projeto final, que se destinava a dar visibilidade às questões étnico-raciais, dentro do espaço escolar, através da sensibilização e orientação de alunos, famílias, gestores, professores e demais profissionais da escola.

A concretização deste trabalho desenvolvido em etapas, mais que um requisito formal, da Secretaria Municipal de educação para a conclusão do curso, representou a realização de pesquisas e projetos de grande relevância na trajetória, da minha vida profissional, na área de educação.

Para apresentar este projeto faço uma síntese de cada capítulo para facilitar a compreensão do mesmo. No capítulo 1, exponho os meus objetivos com este trabalho; o posicionamento da escola frente à implantação da lei 10.639 e a necessidade de maior preparação dos professores. No capítulo 2, eu vou contextualizar a escola, suas características principais, localização geográfica, o tipo de atendimento e projetos que ela oferece. No capítulo 3, traço o perfil dos professores, trabalho o conceito das palavras-chave dialogando com grandes autores, para um maior aprofundamento e enriquecimento das discussões propostas e finalizo com o papel da escola na desconstrução do preconceito. No capítulo 4, descrevo o cronograma das ações desenvolvidas e as metodologias utilizadas para a sua aplicação. No capítulo 5, detalho o desenvolvimento do trabalho na prática, as atividades realizadas, as reações e conclusões dos alunos. No capítulo 6, exponho as conclusões finais deste trabalho.

Em geral as discussões sobre as relações étnico-raciais no espaço escolar são consideradas improváveis, ou desnecessárias para muitos profissionais, inclusive educadores,

que questionam a existência do racismo neste meio. Geralmente quando manifestações racistas ocorrem, são rotuladas como “brincadeiras”, o que contribui ainda mais para a perpetuação do preconceito e discriminação no ambiente escolar, sendo por isto, ignoradas.

Existe também uma forte tendência na comunidade escolar, que engloba o professorado, gestores, membros da equipe pedagógica, alunos e familiares, em discutir os temas raciais, apenas em datas comemorativas. O assunto só é abordado e levado às discussões no dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. Este fato protela cada vez mais o início de um estudo mais aprofundado da história e cultura afro-brasileira e africana e sua influência direta sobre a sociedade, bem como a adoção de medidas mais eficazes para se combater o racismo dentro das escolas.

Desfazer estes mitos dentro do espaço escolar é fundamental para a reestruturação dos projetos e propostas curriculares de cada instituição de ensino. Daí a necessidade de uma maior preparação dos professores e demais membros da sociedade para um assunto que até hoje foi tratado de modo restrito ou equivocado. As diretrizes apontam a possibilidade de alterar os discursos e atitudes de parte significativa dos cidadãos brasileiros, contribuindo para a construção de uma sociedade antirracista, a partir da introdução das discussões e implantação desta nova Lei, que vem elucidar o importante papel do negro na sociedade, transformando em imagem positiva, o que é visto hoje, de maneira negativa.

Este trabalho foi realizado no ano de 2014, na escola Municipal Professor Cláudio Brandão, no bairro Riachuelo, região Noroeste de Belo Horizonte, em duas turmas de 4º ano do 2º ciclo, alunos com idade entre 10 (dez) e 11(onze) anos. Nessa ação pedagógica foram desenvolvidas atividades que contemplaram a prática da Lei 10.639/03, com a intenção de contribuir para a reflexão de conceitos que norteiam as discussões sobre a diversidade cultural na educação escolar. O presente projeto significou um grande desafio para a comunidade escolar, a saber: sensibilizar docentes, alunos e suas famílias a valorizarem a diversidade brasileira, reconhecendo a efetiva participação de africanos e afrodescendentes na construção da história da sociedade nacional.

Como sair do lugar de transmissora de informação para o papel de formadora de sujeitos? A partir da observação, análise e reflexão da minha prática pedagógica, relacionando-a e problematizando-a com os referenciais conceituais e conhecimentos adquiridos ao longo do curso de especialização, construí o Plano de Ação denominado: “Refletindo sobre os conceitos que norteiam as relações étnico-raciais”. Esse projeto teve como objetivo geral desenvolver a reflexão e o censo crítico sobre os conceitos das palavras-chave para superar opiniões já estabelecidas e preconcebidas em nossa sociedade e como

objetivos específicos, ouvir dos alunos o significado das palavras-chave, discutir o conceito utilizado nas relações étnico-raciais e redefinir tais palavras de maneira adequada.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Professor Cláudio Brandão, inaugurada em setembro de 1965, que completará 50 anos, agora em 2015. Localizada na Rua Cantagalo, 1147, bairro Parque Riachuelo, a escola possui sete salas de aula, quadra, refeitório e uma biblioteca. Apesar de possuir uma grande área, de cerca de 1.800 m², a escola dispõe de pequeno espaço para atividades recreativas, educação física e outras atividades fora de sala de aula, devido às condições acidentadas do terreno. Atualmente, a escola conta com 312 alunos matriculados na Educação Infantil, 1º e 2º ciclos.

Mesmo com a limitação de espaços, a escola abriga importantes projetos para a comunidade, como: Programa Escola Aberta, com a realização de diversas oficinas voltadas para a comunidade nos finais de semana; Programa Escola Integrada, estendendo o tempo na escola, para horário integral e as oportunidades de aprendizagem para os alunos do ensino fundamental. Inclui café da manhã, almoço e lanche da tarde, oficinas de esporte, informática e artes, além do acompanhamento escolar realizado pelas professoras do PIP (Programa de Intervenção Pedagógica).

Para atender as crianças, a EMPCB conta com um grupo de trinta funcionários incluindo professores, coordenadoras pedagógicas, diretora e vice-diretora, auxiliar de secretaria, uma bibliotecária, auxiliares de biblioteca, cantineiras, auxiliares de serviços gerais e porteiros, que revezam durante os dois turnos de funcionamento da unidade.

Durante o ano acontecem reuniões pedagógicas, destinadas somente a passar avisos, não havendo a realização de conselho de classe e estudos. No geral, a escola pode ser definida como, pequena, tranquila e sem grandes problemas de violência, drogas etc.

FIGURA 1: Foto da fachada da Escola Professor Cláudio Brandão



Fonte: Arquivo pessoal

3. REFERENCIAIS PARA PENSAR A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA

Quando cheguei para trabalhar na escola, me deparei com um grupo de docentes que não contrariavam os professores mais antigos e um grupo de docentes antigos, que impunham suas opiniões de forma opressora e pessoal, sobre os interesses educacionais do restante do grupo. Pelo caráter tradicionalista e a pouca rotatividade de profissionais, acredito que a problemática da negação da discriminação se dê pela apatia dos profissionais que lá trabalham. Na escola é comum o discurso com as frases: “Não há preconceito na escola”; “As atitudes de discriminação são coisas de criança”; “A PBH inventa muita moda”; “Tudo agora é falar de preto”...

Para discutirmos questões relativas às temáticas étnico-raciais, sobretudo no campo da educação, é de fundamental importância a compreensão de termos e conceitos, corriqueiramente utilizados como: África, Raça, Preconceito, Discriminação e Diversidade. O domínio de tais expressões objetivou evitar o senso comum, assim como equívocos, que pudessem comprometer a seriedade da nossa discussão.

Diante disso, o presente texto construiu-se através do diálogo entre teóricos e pesquisadores comprometidos com as temáticas referentes aos negros no Brasil, tais como Nilma Lino Gomes (2005; 1995) e Kabengele Munanga (2007), bem com assimilações das aulas do curso de Especialização Diversidade e Relações Étnico-Raciais e de gênero. Buscou-se, através das teorias, refletir sobre os conceitos que norteiam as discussões sobre as relações étnico-raciais na escola. É de grande relevância o entendimento de tais termos, para que o debate acerca dessa temática torne-se mais evidenciado e político.

A discussão sobre relações raciais no Brasil é permeada por uma diversidade de termos e conceitos. O uso destes, muitas vezes, causa discordâncias entre autores, intelectuais e militantes com perspectivas teóricas e ideológicas diferentes e, dependendo da área do conhecimento e do posicionamento político dos mesmos, pode até gerar desentendimentos. (GOMES, 2008)

Os conceitos e termos mostram não só a emissão de julgamentos sobre a temática racial, mas também os vários significados que a sociedade dissemina sobre as relações raciais. Assim reconstruir os conceitos das palavras e seus significados, favorece o conhecimento, pois, é notório, dentro da escola constantes casos de discriminação. Na maioria das vezes os educadores tentam camuflar a prática do preconceito chamando a atenção das crianças, pedindo maior respeito com o colega negro, explicando que todos são iguais. Esta não é uma maneira eficaz para demonstrar igualdade entre os alunos, podendo gerar uma baixa estima daquele que foi agredido. Uma forma positiva para se explicar as diferenças seria uma

conversa entre professor e alunos, para esclarecer que fenotipicamente, eles são sim diferentes, mas, que seu colega atingido pelo preconceito, tem uma história, uma identidade deixada por seus antecessores e que todos os seres humanos possuem identidades diferentes que devem ser respeitadas.

Portanto o papel da escola é buscar meios através de bibliografia sobre as questões étnicas e raciais, eleger o tema para discussão em grupo de estudos na comunidade escolar como um todo possa se aprofundar nas causas e consequências da dispersão dos africanos pelo mundo. Abordar a História da África antes da escravidão, enfocando as contribuições dos afrodescendentes para o desenvolvimento da humanidade. A questão racial é assunto de todos e deve ser conduzida para a reeducação das relações entre descendentes de africanos, de europeus e de outros povos. Só assim haverá o reconhecimento da existência, da necessidade de valorização e do respeito ao afrodescendente e a sua cultura dentro da escola. (ROCHA, 2008, p.57).

Partiremos agora para a definição dos conceitos, baseada nos autores que vêm contribuindo de forma significativa, para o maior aprofundamento e amadurecimento dessas discussões, tão importantes em nossa sociedade atual.

a) África

A aprovação da Lei 10639/03, que tornou obrigatório o ensino da História da África¹ e dos afrodescendentes, gerou nos meios escolares algumas inquietações e muitas dúvidas. Como ensinar o que não se conhece? Para além das interrogações, a lei revela algo que os especialistas em História da África vêm alertando há certo tempo: “esquecemos” de estudar o Continente africano, e fica um alerta: devemos voltar nossos olhares para a África, pela sua relevância incontestável como palco das ações humanas e pelas profundas relações que guardamos com aquele Continente.

A África mantém-se como um continente desconhecido para a maioria da população brasileira. As escolas no geral, não abordam o passado e o presente africano, apesar de este passado estar tão presente no cotidiano nacional, seja através das palavras faladas, da cultura, das religiões, etc. Um dos imaginários mais fortes que se tem sobre o Continente africano, é o de reconhecê-lo como um país, um local de muita pobreza, doença e miséria. Estas são as representações mais fortes da “África” no Brasil. Mas será que é isso que a África tem a nos mostrar? O que se constata, é que o atual mapa Geopolítico do continente africano, é

¹ Para maior aprofundamento sobre o tema o vídeo sugerido é: “África está em nós” disponível em: ambiente.educacao.ba.gov.br/conteúdos-digitais/conteúdo/exibir/.../271 A Cor da Cultura A “África está em nós”. Para maior aprofundamento sobre o tema os textos sugeridos são: NASCIMENTO, E. L. *Introdução à história da África*. In: UnB/CEAD, 2006. P. 33-51. LOPES, Nei, *História e cultura afro-brasileira* - São Paulo: Barsa Planeta, 2008 - (Biblioteca Barsa) 4ª edição 2011.

constituído por 57 países, com uma diversidade sócio-cultural e etnolinguística enorme, que esse continente é rico sim, em belezas naturais, que ergueu civilizações e foi o berço da raça humana.

É preciso desmistificar o imaginário da “África” no Brasil, demonstrar como as teorias ideológicas eurocêntricas criaram falsificações históricas e até mitos que serviram como fonte das várias imagens estereotipadas sobre a África e os africanos, desenvolvendo o afropessimismo, quando se inferioriza a história e a cultura africana.

As contribuições das diversas nações africanas, ao longo da história, para o desenvolvimento cultural, econômico, político, científico e tecnológico da humanidade é vasta e complexa, muito embora esse conhecimento seja prejudicado pela perspectiva preconceituosa que foi difundida pelos ocidentais. Podemos dizer que a “África” e a sua herança cultural no Brasil, é vista basicamente de forma folclorizada, não despertando interesses em conhecê-la.

A grande preocupação em se trabalhar a história da África é que muitos professores formados ou em formação, com algumas exceções, nunca tiveram em suas graduações, contato com disciplinas específicas sobre a História da África. Soma-se a esse relevante fator, a constatação de que a grande maioria dos livros didáticos de História utilizada nas escolas, não reserva para a África espaço adequado, pouco atentando para a produção historiográfica sobre o Continente. Os alunos passam assim, a construir apenas estereótipos sobre a África e suas populações. Portanto, seria oportuno perguntar como a história da África é ensinada em nossas escolas?

É necessário reaprender a história do Brasil e aprender a pesquisar a história dos povos que vivem no continente africano. Para isso, é preciso reler criticamente os textos escritos pelos brancos sobre os negros, fazer reflexões pertinentes com os alunos, para evitar discussões sobre assuntos folclorizados, que perpassam pelo "currículo turista" que muitas vezes é usado na escola.

Talvez demore mais algum tempo para que possamos, professores e alunos, fazê-lo com desenvoltura. Porém, fica evidente que ensinar a História da África, mesmo não sendo uma tarefa tão simples, é algo urgente, para que as futuras gerações possam adquirir um conhecimento mais significativo e sem preconceitos. As limitações existem, mas, não podem impedir as reflexões, pesquisas e estudos sobre o continente africano e a sua história pela humanidade. “O continente africano além de ser o berço da humanidade é, também, o das civilizações”. (FONSECA, 2004, p.24).

b) Raça

Para trabalhar com a palavra raça² usei como base o aporte teórico Nilma Lino Gomes, “*Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*” (2008). Segundo ela, o uso do termo raça, referindo-se às pessoas negras no Brasil, sempre gerou grandes polêmicas e as mais diversas reações como exemplifica:

Na realidade quando alguém pergunta: qual é a sua raça? Nem sempre recebe como resposta uma reação positiva da outra pessoa. Alguns ficam desconcertados, outros não sabem o que responder, alguns acham que é uma piada e outros reagem com agressividade. Nem sempre a reação é positiva e a pessoa questionada nem sempre responde imediatamente. Além disso, no campo complexo das relações entre negros e brancos estabelecidas em nosso país, dependeremos do contexto em que tal pergunta é feita. Ela poderá ser realizada por um recenseador do IBGE, de forma séria do profissional que precisa de um dado oficial para divulgação no país; de forma sarcástica, como “piadinha racista”; com um sentido político, dentre tantas outras maneiras. A forma como recebemos e reagimos a essa pergunta dependerá, sobretudo, da maneira, da compreensão, da leitura e da construção da identidade étnico/racial do sujeito que é questionado. (GOMES, 2008, p.44)

Para Nilma, as reações adversas ao uso do termo raça, para se referir aos negros, remetem à escravidão e ao racismo sofrido pelos negros no passado. E explica também, porque “raça” é o termo mais utilizado quando se discute a situação do negro no Brasil.

Por mais que os questionamentos feitos pela antropologia ou outras ciências, quanto ao uso do termo raça possam ser considerados como contribuições e avanços no estudo sobre relações entre negros e brancos no Brasil, quando se discute a situação do negro, a raça ainda é o termo mais usado nas conversas cotidianas, na mídia, nas conversas familiares. Por que será? Na realidade, é porque raça é o termo que consegue dar a dimensão mais próxima da verdadeira discriminação contra os negros, ou melhor, do que é o racismo que afeta as pessoas negras da nossa sociedade. (GOMES, 2008, p.45)

A autora também chama nossa atenção para identificarmos a que o termo se refere, já que assume significados diferentes, quando citado em discussões sobre as diversas etnias brasileiras.

Ao ouvirmos alguém se referir ao termo raça para falar sobre a realidade dos negros, dos brancos, dos amarelos e dos indígenas no Brasil ou em outros lugares do mundo, devemos ficar atentos para perceber o sentido em que esse termo está sendo usado, qual o significado a ele atribuído e em que contexto ele surge. (GOMES, 2005, p.45)

Existem também alguns sociólogos que utilizam o termo “raça”, baseado na dimensão social e política do termo. A justificativa se baseia no fato de que o racismo no Brasil está

² Para se aprofundar nesta temática o texto sugerido é: BERND, Zilá. *Racismo e antirracismos*. São Paulo: Editora Moderna, 1997

associado tanto às características culturais dos representantes de cada grupo étnico, como às suas características físicas dos mesmos. Guimarães (1999, citado por GOMES, 2008), nos dá uma explicação mais clara sobre o termo “raça social”:

“Raça” é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que se denota tão-somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo indeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. Mas, por mais que nos repugne a empulhação que o conceito de ‘raça’ permite, ou seja, fazer passar por realidade natural preconceitos, interesses e valores sociais negativos e nefastos tal conceito tem uma realidade social plena, e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que se lhe reconheça a realidade social que só o ato de permite. (GUIMARÃES, 1999, p.9)

Entendemos então, que os muitos conceitos de raça, terão significados de acordo com o contexto em que eles estão inseridos. É importante pensarmos nisso, para não cairmos no determinismo e acabarmos por cometer equívocos, ao usarmos este termo, já que seu conceito é tão relevante nos dias de hoje.

c) Preconceito

A palavra preconceito³ constantemente é confundida com discriminação e racismo. É importante pontuar as diferenças entre elas, pois são termos distintos. Segundo Carlos Moore,

[...] A confusão entre racismo e preconceito é evidente. Ora, os preconceitos não são necessariamente manifestações de racismo, pelo contrário: é o racismo que gera os piores e mais violentos preconceitos. Dentre eles, o mais profundo e abrangente é a noção da inferioridade e superioridade inata entre os seres humanos [...] (MOORE, 2007, P280).

O preconceito é, portanto, o julgamento prévio acerca de indivíduos e grupos raciais, culturais, religiosos, sexuais entre outros, baseando em estereótipos ou informações que negativizam e inferiorizam os mesmos. É muito importante que se perceba que nenhum ser humano nasce preconceituoso. Para Gomes “[...] O preconceito como atitude não é inato. Ele é aprendido socialmente, nenhuma criança nasce preconceituosa. Ela aprende a sê-lo. E poderá aprender a deixar de ser. Basta ser orientada para isto (grifo nosso). [...] (GOMES, 2005, p.52)

O entendimento do preconceito, enquanto construção social é o passo inicial para o processo de derrubada de estigma e estereótipos negativistas em relação aos “outros” sujeitos

³ Para se aprofundar nesta temática o livro sugerido é: *Educando contra o preconceito e a discriminação* Rosângela Rosa Praxedes e Walter Praxedes

que fazem parte ou não do nosso convívio social, já que segundo Azevedo, [...] O mais importante que a coragem de reconhecer-se fruto de uma cultura racista é a disposição para transformar a si e aos outros no que se refere às nossas relações raciais. [...] (AZEVEDO, 1987, p. 50). A iniciativa pela quebra dos preconceitos deve partir das transformações de mentalidades, através da reeducação das relações étnico-raciais, na busca incansável pelo respeito às diversidades.

Embora estejam alojados em nossas mentes, os preconceitos, podem ser considerados prejudiciais para as relações sociais, pois, eles orientam nossas ações e podem nos levar a adoção de atitudes de opressão e exclusão dos indivíduos que classificamos como inferiores, feios, menos inteligentes, menos esforçados, incapazes ou simplesmente diferentes.

Para a implantação da valorização da história e da cultura afro-brasileira, como está previsto na Lei n ° 10.639/03 é importante que os professores superem os preconceitos, eurocêntricos e racistas, que infelizmente são difundidos até o presente momento nas escolas.

d) Discriminação

Outra palavra bastante utilizada nos estudos das relações étnico-raciais é discriminação. Discriminar significa o mesmo que “diferenciar”, “distinguir”, “discernir”, ou seja, fazer uma distinção. Segundo GOMES [...] a discriminação racial pode ser considerada como prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção das práticas que os efetivam [...] (GOMES, 2005, p 55)

A discriminação⁴ racial pode se apresentar de forma direta ou indireta. A direta é aquela na qual a pessoa sofre a violência de outra pessoa, ou grupo, por conta da marca racial que traz consigo, seja a cor da pele, textura do cabelo ou traços que a diferem dos outros grupos estabelecidos pela sociedade.

Já a indireta acontece em ações menos objetivas, porém tão violentas quanto as diretas, pois, se configuram de maneira institucionalizada, o que dificulta a denúncia e, conseqüentemente, o combate. Podemos destacar a falta de acompanhamento pelo poder público para bairros onde a população é de baixa renda, como um exemplo de discriminação racial indireta.

⁴ Para se aprofundar nesta temática o livro: *Racismo, preconceito e intolerância* - Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros, Jacques D'adesky, é sugerido.

A discriminação está na ação. Naquilo que fazemos com os outros de forma sutil ou não.

e) Diversidade

Os conhecidos Parâmetros Curriculares Nacionais⁵ tratam de um assunto de suma importância, a pluralidade cultural brasileira. Propõem que os brasileiros conheçam o Brasil como um país complexo. Propõem o conhecimento da diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira.

A diversidade é composta pelas diferenças, que por sua vez são criadas desde o nascimento do ser, que vai se transformando durante toda a vida de acordo com as experiências que adquire no convívio social. Para Valter Roberto Silvério o conceito de diversidade é diretamente ligado a diferença, variedade e multiplicidade:

O substantivo feminino diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é a qualidade do que é diferente, o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança. A variedade diz respeito a qualidade, atributo, ou estado de algo que possui diferentes formas, ou tipos que se diversificam dentro de uma classe. A multiplicidade diz respeito a grande número de variedade de algo. (SILVÉRIO, 2005, P.87)

Apesar de ser um assunto importante e bastante significativo para um país como o Brasil, a escola ainda tem dificuldades em absorvê-lo, pois, ainda temos desrespeito, ignorância, discriminação.

A sociedade extremamente preconceituosa e excludente, utiliza nos dias de hoje, a escola como um instrumento ideal para disseminar o preconceito em direção às populações minoritárias, como é o caso dos negros e indígenas. A mesma escola que exclui estas populações. apresenta em seus currículos, grandes projetos educacionais, que vem mascarar situações de racismo e preconceito, ainda presente na escola, da atualidade. De acordo com a antropóloga e educadora Nilma Lino Gomes:

Não há como negar que a educação é um processo amplo e complexo de construção de saberes culturais e sociais que fazem parte do acontecer humano. Porém, não é contraditório que tantos educadores concordem com essa afirmação e, ao mesmo tempo, neguem o papel da escola no trato com a diversidade étnico-racial? Como podemos pensar a escola brasileira, principalmente a pública, descolada das relações raciais que fazem parte da construção histórica, cultural e social desse país? E como podemos pensar as relações raciais fora do conjunto das relações sociais? Munanga (2001, citado por GOMES, 2001, p. 141)

⁵Brasil.Secretaria de Educação Fundamental. –Parâmetros curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.

Trabalhar com diversidade em uma sociedade marcada pela diversidade não é tarefa fácil. Exige ética, respeito, valorização das diferenças. Não significa aderir aos valores dos outros, mas sim respeitá-los enquanto expressão da diversidade humana.

Hoje sabemos da riquíssima diversidade racial do Brasil, marcada por centenas de etnias indígenas, por descendentes de povos africanos, por imigrantes e descendentes de povos de vários continentes. Sabemos que a diversidade marca a nossa vida em sociedade.

Assim, são necessárias constantes reflexões sobre a diversidade no Brasil e seus múltiplos conceitos, para se conquistar uma mudança de mentalidade e atitudes frente às relações étnico-raciais. O primeiro passo é perceber que a diversidade engloba as várias diferenças sociais e culturais e étnico-raciais, existentes no interior da sociedade brasileira.

3.1 O papel da escola na desconstrução do preconceito

A escola tem o papel de formar o aluno para o exercício de cidadania, do trabalho e continuar aprendendo ao longo da vida. Esta é a orientação da Lei de Diretrizes de Bases e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino no Brasil. Ampliar a cidadania é um dos objetivos principais que devem orientar o trabalho pedagógico, e por causa disso, a escola tem que buscar o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam compreender a sociedade em que vivemos. Mas esta sociedade deve ser entendida como uma produção “dinâmica” dos seres humanos, um processo permanente de construção e reconstrução. O entendimento deste desenvolvimento da cidadania também significa a capacitação para saber avaliar o sentido do mundo em que se vive, os processos sociais e o papel de cada um nesses processos.

Ainda há um longo caminho a percorrer para chegarmos às práticas de respeito aos que são diferentes de nós. É sabido, que muitas das vezes a ignorância sobre as causas e sobre o encaminhamento educacional, leva a prática discriminatória e preconceituosa, apesar de sabermos também que existem boas intenções.

A escola menos discriminatória, os professores mais reflexivos e menos preconceituosos e os alunos mais questionadores, exigem trabalho, estudo, responsabilidade e cidadania. É preciso buscar instrumentos para introduzir e efetivar as ações que buscam dar visibilidade aos que sofrem com o preconceito e a discriminação.

A aplicação da Lei 10.639/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, significa o reconhecimento da importância da questão de

combate ao preconceito, ao racismo e à discriminação no trabalho de redução das desigualdades sociais.

A Lei reconhece a escola como lugar da formação de cidadão e afirma a relevância da mesma em promover a necessária valorização das matrizes culturais que fizeram do Brasil o país rico, múltiplo e plural. Apesar de tantas lutas, muitos ignoraram o processo histórico que deu origem a essa lei. De acordo com o texto “*A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03*”, de Nilma Lino Gomes, encontra-se explicitado que muitos nem procuraram compreender o contexto dessa nova lei e já a criticavam. Mas, para além de opiniões sobre o tema, é importante refletir sobre o que essa lei representa no contexto das relações raciais no Brasil.

4. CRONOGRAMA/METODOLOGIA

QUADRO 1
Cronograma de ações

SEMANA	PALAVRA	AÇÃO
1ª semana	ÁFRICA	Primeira fase: Diagnóstico Segunda fase: Tabulação e Estudo Terceira fase: Divulgação
2ª semana	RAÇA	Primeira fase: Diagnóstico Segunda fase: Tabulação e Estudo Terceira fase: Divulgação
3ª semana	PRECONCEITO	Primeira fase: Diagnóstico Segunda fase: Estudo Terceira fase: Divulgação
4ª semana	DISCRIMINAÇÃO	Primeira fase: Diagnóstico Segunda fase: Estudo Terceira fase: Divulgação
5ª semana	DIVERSIDADE	Primeira fase: Diagnóstico Segunda fase: Estudo Terceira fase: Divulgação

O Projeto foi apresentado aos alunos e realizado de forma gradativa, semanalmente, durante o mês de novembro de 2014. Desenvolvido de forma interdisciplinar, nas aulas de língua portuguesa, arte e literatura, buscou-se métodos de indução à inquietação, ao questionamento e a pesquisa dos termos centrais, para possibilitar a percepção dos alunos da relevância do assunto tratado.

O cronograma de ações foi dividido em: diagnóstico, pesquisa e divulgação, para que os alunos se sentissem parte integrante no processo de construção do conhecimento, já que todo conteúdo aprendido foi compartilhado na comunidade escolar através da produção de murais.

A cada encontro foram usadas diversas estratégias cuidadosamente elaboradas para favorecer a uma maior interação com todos os envolvidos na comunidade escolar, assim como a localização dos murais, para dar maior visibilidade das informações adquiridas; a escolha de músicas da atualidade, para que os alunos se identificassem, despertando sua curiosidade e interesse; vídeos intrigantes, para motivar os alunos nas reflexões e discussões sobre os temas

apresentados; os questionários respondidos por eles e tarefas realizadas com os pais, que os colocavam como personagem principal do processo.

5. DESENVOLVIMENTO

Este é um relato do projeto realizado durante o mês de novembro em uma escola municipal de Belo Horizonte. A proposta de trabalho baseou-se em introduzir as questões étnico-raciais com alunos, membros da escola e famílias com sutileza, intencionalidade e fundamentação.

Como novata na instituição, percebo uma grande carência de momentos de discussão, principalmente sobre assuntos relacionados às questões étnico-raciais. Na escola não se preocupam com a implantação da Lei 10. 639/03, não se reflete sobre a história da África e as questões da diversidade não são trabalhadas. O trabalho com a lei só começou a ser feito diante de cobranças da PBH e quando feitos em sala de aula, são de forma folclorizadas, sem uma maior preocupação em valorizar a diversidade brasileira e nem um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

Percebo nas falas e atitudes de grande parte dos profissionais da escola que há um preconceito velado em se tratar do assunto. É como se não existisse a necessidade de reflexão sobre a diversidade e a contribuição dos povos africanos para a nossa sociedade. A escola é muito resistente à introdução de novos temas e formas de pensar. Este modelo impede a realização de momentos de discussão sobre diferentes assuntos.

O desejo de projetos grandiosos e impraticáveis, foi substituído por uma proposta simples, e não menos trabalhosa, mas, bem executada. Os gastos foram com tinta e papel apresentando um orçamento baixíssimo.

A seguir, apresento as estratégias de trabalho utilizadas ao longo do projeto. Cabe ressaltar, que a organização e realização do evento, além de dar maior visibilidade ao assunto, desenvolveu o importante papel de resgatar a prática dos trabalhos coletivos, envolvendo toda a comunidade escolar, incluindo as famílias dos alunos da escola.

Primeira semana: palavra África

Problematização: Questionei os alunos sobre a palavra ÁFRICA e o que ela lembrava, a maioria afirmava que não sabia nada. Não conseguiam definir se era país, cidade ou continente. Não sabiam onde ficava. Pedi então que escrevessem o que sabiam sobre a África, quais adjetivos e ou substantivos usariam para definir a palavra. Alguns alunos ficaram pensativos tentando lembrar o que já tinham ouvido falar sobre a África. Após o tempo

estipulado, recolhi os papéis e começamos a conversar sobre o que haviam escrito. Eles riam e ficavam curiosos em confirmar se as palavras e ou expressões ditas pelos colegas estavam corretas e se tinham realmente relação com a África. O gráfico abaixo mostra quais foram os aspectos lembrados por eles:

PESQUISA SOBRE A PALAVRA ÁFRICA

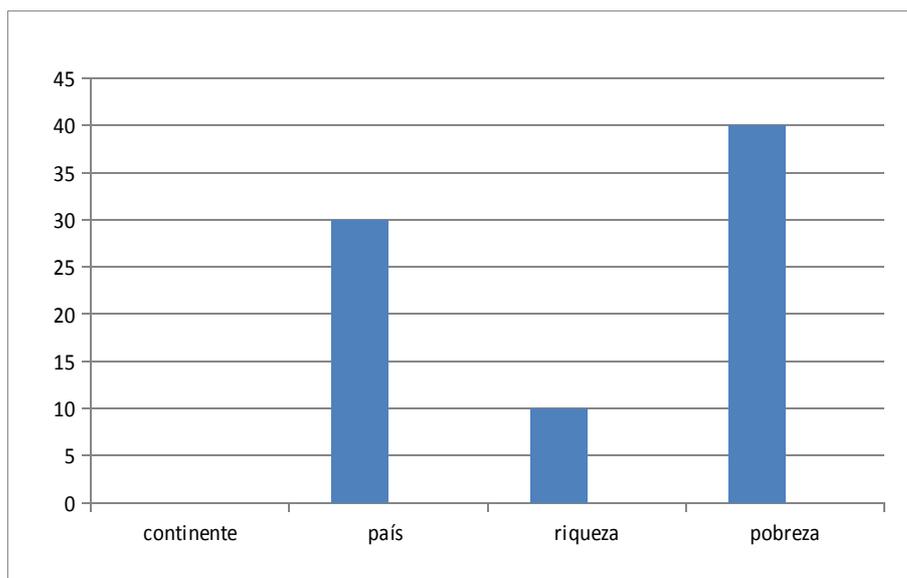


GRÁFICO 1: Resultado da sondagem sobre a palavra África com os alunos do 4º ano

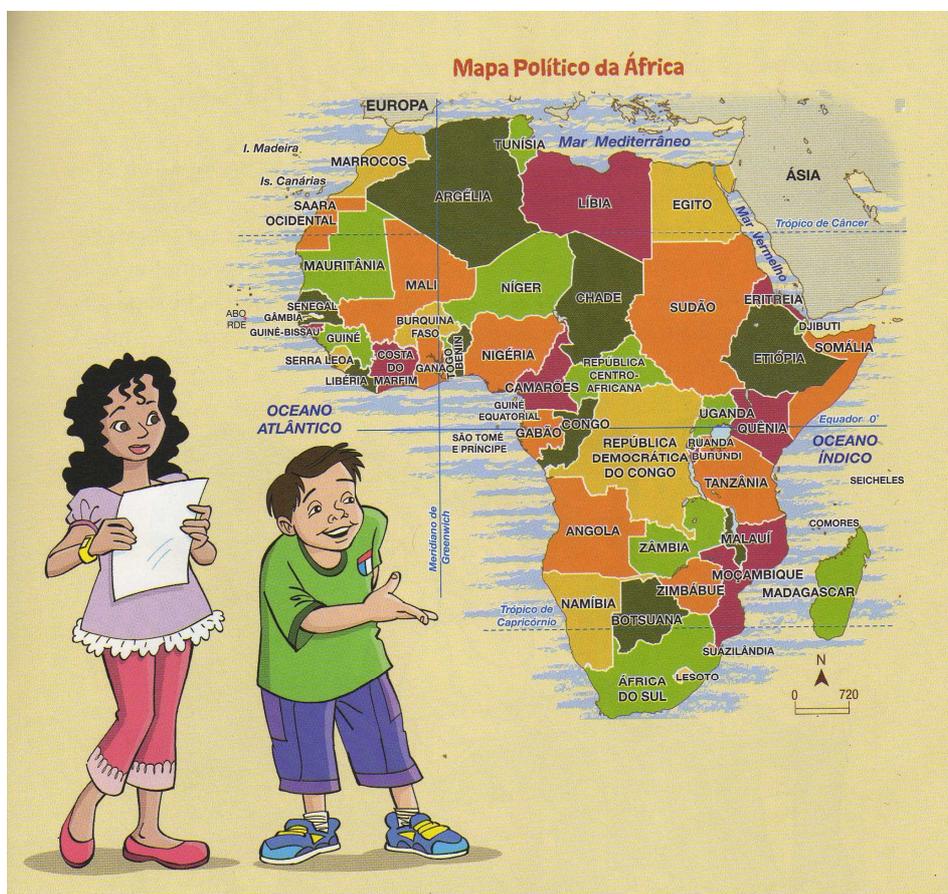
Fonte: Pesquisa realizada com alunos da Escola Municipal Professor Cláudio Brandão sobre a palavra África

Primeiramente observa-se que, a África foi mais lembrada como um país, com características negativas, com muita pobreza, doença e pessoas sofridas. Foi destacado também a ideia de um lugar que tem muitos animais ferozes. Pelo gráfico podemos também afirmar que nenhuma criança reconheceu a África como continente e as características positivas do continente foram lembradas por poucas crianças.

Diante de tantas dúvidas, decidimos que na próxima aula faríamos uma pesquisa sobre a África, para confirmar se as informações que eles tinham dito eram verdadeiras. Empolgados, eles enumeraram como poderíamos buscar tais conhecimentos. As sugestões dos alunos foram: internet, enciclopédia, biblioteca, dicionário etc. Percebi neste momento que três seriam os saberes que deveriam ser estudados, discutidos, testados e aprendidos: o conhecimento científico, o dos valores éticos e o popular. Em grupos, os alunos começaram a

pesquisa, que os levou a várias descobertas, ajudando a desconstruir os preconceitos que tinham sobre o continente africano e a descobrir informações importantes.

Figura 2: Foto do mapa da África utilizado em sala de aula



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

Os grupos apresentaram as seguintes informações:

Grupo 1: A localização do continente africano no mapa mundi, a identificação de quantos países o continente possui.

Grupo 2: Apresentação do vídeo: A África no currículo escolar material do Kit “A Cor da Cultura” e discussão sobre o que assistiram.

Grupo 3: Exposição de imagens intitulada: “Como é a população africana”.

Grupo 4: Pesquisas sobre países que fazem parte do continente africano.

Coube a mim, fazer a apresentação da Lei 10.639/03 e explicar a necessidade dela para a valorização do povo africano. Toda a turma também participou da produção do Mural Informativo da escola com a primeira palavra e algumas das informações adquiridas por eles.

Figura 3: Foto do trabalho realizado sobre o continente africano



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

Segunda semana: palavras Raça e Racismo

Nesta semana comecei a aula com a seguinte pergunta: Raça existe? As respostas dos alunos foram sendo escritas no quadro. Seguem abaixo as definições dadas por eles para o termo raça:

- “Raça existe sim, a raça branca ou negra” (aluno A)
- “Raça é quando vamos falar das raças do cachorro”. (aluno B)

Analisamos, discutimos e com as minhas intervenções provocativas, os alunos chegaram à conclusão de que era necessário buscar os conceitos no dicionário. Utilizamos três dicionários de autores diferentes para fazermos uma comparação das definições encontradas. Foram encontradas as seguintes definições:

Raça: *s.f.* 1 conjunto de caracteres físicos semelhantes dos indivíduos, transmitidos por hereditariedade: *características próprias da raça amarela*. 2 conjunto dos indivíduos que apresentam estes caracteres: *comprei um belo exemplar dessa raça canina*. 3 (Fig.) vigor, determinação: *Ele venceu porque tem muita raça*. 4 (Depre.) espécie; laia. **de raça** que não é mestiço; *com pedigree: Esta é uma égua de raça*. - Dicionário da língua portuguesa - Domingos Paschoal Cegalla.

Raça: *s.f.* 1 Divisão tradicional e arbitrária dos grupos humanos, determinada pelo conjunto de caracteres físicos hereditários (cor da pele, formato da cabeça, tipo de cabelo, etc.). [Etnologicamente, a noção de raça é rejeitada por se considerar a proximidade cultural de maior relevância do que o fator racial.] Dicionário Houaiss da língua portuguesa - Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar.

Raça: *s.f.* 1 *Biol.* Grupo de pessoas ou e animais com determinadas características físicas hereditárias comuns: Gado da raça nelore. 2 Geração ou sucessão de gerações de indivíduos de um desses grupos: *O Brasil deve muito à raça negra*. [NOTA: Quanto às acps. 1 e 2, modernamente, a *cultura* é considerada mais importante na classificação dos grupos humanos do que a raça, que, é, inclusive, um conceito sem base biológica.] Mini dicionário contemporâneo da língua portuguesa - Caldas Aulete.

Com as pesquisas foi possível observar que o conceito de raça tal qual como empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologias, pois como todas as ideologias ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação.

As discussões foram interessantes e os alunos conseguiram perceber que podemos usar as palavras com vários significados e a aplicação desta palavra em diferentes contextos. Chegaram à conclusão que Raça só existe uma, a RAÇA HUMANA.

Fizemos também, a tabulação das respostas dadas no questionário sobre como os alunos se auto classificam. Foram entrevistados cerca de 100 crianças, entre 10 e 11 anos, alunos das turmas de 4º e 3º anos.

As respostas foram estas:

- 40 crianças se classificaram como sendo brancas.

- 10 crianças se classificaram como sendo negras.
- 40 crianças se classificaram como sendo morenas.
- 10 disseram que não conseguiriam classificar a sua cor.

FIGURA 4 - Foto do mural sobre a raça humana produzido pelos alunos



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

Primeiramente observou-se, no grupo, que ser negro quer dizer, para grande parte das pessoas, algo ruim, ser diferente, ser inferior. Analisamos com os alunos da sala se realmente eles reconheciam as respostas dadas pelos colegas como sendo verídicas. Eles foram unânimes em afirmar que os colegas das outras salas “não tinham sido sinceros.” Analisei com eles as possíveis razões dos colegas terem mentido ao responder ao questionário, não querendo se considerarem negros.

Fizemos também a leitura e a discussão de um texto informativo sobre racismo (anexo). Como forma de registro, foi confeccionado um cartaz com o que ficou mais significativo para os alunos sobre o conceito de raça e exposto também no mural informativo.

Terceira semana: palavra Preconceito

Nesta semana trabalhamos com letras de músicas. Levei duas músicas e os alunos escolheram a que mais gostaram para trabalhar primeiro. Começamos com a música Preconceito, do grupo Natiruts. Todos leram a letra e grifaram a parte que mais gostaram, ou foi mais significativa para cada um. Questionados sobre o significado da palavra preconceito, deram as seguintes respostas:

- “É indiferença das pessoas, é ser xingado de macaco, é ofender as pessoas ”... Aluno (A).
- “É falar mal de uma pessoa, colocando apelidos, demonstrar que não gosta da pessoa”... Aluno (B).
- “É o racismo com as pessoas, é falar que as pessoas são negras, é falar do cabelo delas, do modo como ela é”. Aluno (C)

Diante das respostas fui indagando o objetivo daquela letra de música e se já tinham ouvido falar daquele assunto antes. Percebi neste momento que as crianças faziam confusão entre o conceito de preconceito, racismo e discriminação. Nosso próximo passo foi uma pesquisa sobre o significado de cada uma destas palavras, feito em casa junto à família. Em seguida realizamos uma pequena discussão com o resultado da pesquisa.

Na aula seguinte, retomamos o para casa, os alunos assistiram ao vídeo da música escolhida para que conhecessem os componentes da banda e relacionassem a letras da música com as imagens do clipe. Comentamos as imagens, cada um escreveu a definição final e afixaram no mural informativo.

Nas aulas seguintes fizemos o trabalho com a letra da música Racismo é burrice, de Gabriel O Pensador. Utilizei a mesma estratégia das aulas anteriores e percebi que eles tiveram maior facilidade para interpretar a letra da segunda música. Os alunos fizeram uma interpretação escrita, seguida de uma discussão para exporem suas as opiniões.

Para finalizar a semana fizemos um mural com as imagens que representaram tudo o que foi abordado nas músicas.

As letras das músicas seguem em anexo.

- Quem planta o preconceito - Grupo Natiruts⁶

⁶ Quem planta preconceito? - Natiruts disponível em: Link: <<http://www.vagalume.com.br/natiruts/quem-planta-preconceito.html>> Acessado em: 17/11/2014

⁷ Racismo é burrice - Gabriel o Pensador Link:< <http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/racismo-e-burrice-novaversao-de-lavagem-cerebral.html#ixzz3Wcz3fXgv>> Acessado em: 20/11/2014

- Racismo é burrice - Gabriel O pensador⁷

Quarta semana: palavra Discriminação

Nesta semana optamos por trabalhar bastante com o visual para isso, foram passados três vídeos para os alunos e após cada um era feita uma roda de discussão com algum funcionário da escola. Discutimos o conceito de discriminação, trabalhamos com o dicionário afro-brasileiro onde descobrimos qual é o conceito correto desta palavra. Os vídeos assistidos foram os seguintes:

- “Porta na cara”⁸
- “Eu sou assim”⁹
- “Vista a minha pele”.¹⁰ Sobre este último eles gostaram e fizeram os seguintes comentários:
 - “Nossa! Nunca tinha pensado em mudar de lugar com alguém e tentar sentir o que ele sente” (aluna A)
 - “Esse vídeo me fez refletir sobre como é se colocar no lugar de uma pessoa negra”; (aluno B).

Os alunos produziram um texto, onde puderam relatar situações que já vivenciaram ou que tiveram conhecimento de alguém próximo, que tenha sido vítima de uma atitude discriminatória.

As novas descobertas sobre este conceito foram afixadas no mural.

Quinta semana: palavra Diversidade

Depois de familiarizados com o conceito de várias palavras, os alunos deveriam então fazer um acróstico com o que era DIVERSIDADE, receberam também o desafio, de coletar dos familiares e profissionais da escola o que eles sabiam sobre esta palavra. Foi

⁸ “Porta na cara”, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=LQee_J0K4BY> Acessado em: 24/11/2014

⁹ “Eu sou assim”, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=LQee_J0K4BY> Acessado em: 24/11/2014

¹⁰ “Vista a minha pele”, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=LQee_J0K4BY> Acessado em: 24/11/2014

enviado para casa uma folha que deveria registrar algo sobre a diversidade, texto e ilustração. Fizemos uma coletânea em uma pasta que foi exposta na mostra de trabalhos no final do mês.

A postura mais ativa dos alunos foi muito incentivada ao longo do projeto, na execução das pesquisas e principalmente nos momentos que completavam o mural. Elas ajudaram e também participaram ativamente na decoração da escola, através das pinturas de máscaras espalhadas entre as salas de aula

FIGURA 5: Foto do mural da sobre diversidade



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

6. CONCLUSÃO

A intervenção realizada na Escola Municipal Professor Claudio Brandão contribuiu de forma positiva para o aprofundamento da discussão da Lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade da inclusão da História da África e da Cultura Afro brasileira no currículo escolar. Ao longo do trabalho foi possível perceber que a desinformação, o preconceito e a discriminação caminham juntos. Foi muito gratificante ouvir de alguns familiares, que as crianças chegaram em casa cantando as músicas, pesquisando vídeos na internet e contando para os pais, avós e irmãos que tinham aprendido muito sobre a diferença entre preconceito e discriminação, que a África é um continente, que existem muitos países no continente africano, que no continente africano não tem só coisa ruim, tem “muita coisa bonita”...

As reações dos alunos e os resultados alcançados foram muito significativos, pois, ao constatar que tinham uma visão muito estereotipada sobre África, alguns ficaram preocupados.

– “Nossa professora! Nunca imaginei que a África fosse um continente tão grande e tão cheio de riquezas” (Aluno A)

– “Professora, eu sempre ouvi dizer que África era lugar de muita doença e miséria, estou adorando aprender tudo isso!” (Aluna B)

– “Pra mim, raça estava relacionado sempre à cor da pele da pessoa”! (Aluna C)

Os alunos ficaram indignados com a falta de informações dos livros didáticos sobre o continente africano ao tentarem fazer as pesquisas. Indignaram-se também, com tantas ideias distorcidas, repassadas pela tradição oral sobre o continente e perceberam a falta de conhecimento de grande parte das pessoas sobre o mesmo.

Ficaram felizes quando eram parados nos corredores da escola para explicarem aos alunos de outras salas e para alguns familiares sobre os países que fazem parte do continente africano, localizando-os no mapa. Gostaram muito da metodologia dos vídeos, já que foram aulas bem diferentes e muito participativas. Queriam anotar os endereços dos vídeos, para assistirem em casa, com seus familiares e descobrirem outros para indicarem aos colegas.

Vale ressaltar que o presente trabalho atingiu parte dos objetivos estabelecidos já que teve o envolvimento dos alunos que estavam participando de forma mais efetiva. Houve também um envolvimento tímido das famílias e de duas turmas da escola, que fizeram painéis com personagens de histórias trabalhadas. Porém não conseguiu mobilizar toda a comunidade

educativa, na realização de atividades que propiciassem reflexões acerca das discussões raciais na escola.

Ressaltamos também que o trabalho poderia ter tido uma culminância mais significativa, no dia 20 de novembro, o que não ocorreu. O pouco apoio da direção e demais professores, nos sugere que ainda há certa resistência e dificuldade em tratar este assunto na escola, visto que pensam que a Lei não passa de uma exigência desnecessária por parte da PBH.

Vamos continuar aprimorando a cada ano as nossas ações, até que os educadores da escola percebam a grande importância de se trabalhar a Lei 10.639/03, contribuindo para a democratização de assuntos, somando esforços por um ensino justo e, portanto ético, no qual não mais se omita nenhum dos grupos raciais construtores deste país

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Eliane. **Raça: conceitos e preconceitos**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2005
- BENTES, Raimunda Nilma de Melo. **Negritando**. Belém: Graphitte, 1993.
- BERND, Zilé. **Racismo e antirracismos**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992.
- BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; d'ADESKY, Jacques. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.
- BRANDÃO, Ana Paula (Org.). **Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres /** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.
- NOGUEIRA, Juliana Keller; FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. (UEM) **Educação escolar, formação de professores, diversidade cultural**. ST 1 - A questão racial no Brasil e as relações de gênero
- FERNANDES, Suelme Evangelista. (Org.). **ABC da Diversidade Ressignificando Conceitos 1**. Mato Grosso: Secretaria de Educação do Estado. SEDUC-MT.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, Outubro de 2004.
- VIEIRA, Francisco Sandro Silveira. **Do eurocentrismo ao afropessimismo: Reflexões sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil**.
- CUNHA, Rodrigo. **De que África estamos falando?** Com Ciência, Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, SBPC. Disponível em [<www.comciencia.comciencia/handler.php?>](http://www.comciencia.comciencia/handler.php?>)
- MUNANGA, Kanbegele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: histórias, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global, 2004.

SILVA, Maria da Graça. **Manual de Metodologia Científica**. Disponível em: www.scielo.br
Online em 02/09/08.

SANT'ANA, Antonio Olimpo de. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição, SECAD, 2008.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição, SECAD: Brasília, 2008.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. In: Introdução - BRASIL. **Educação Anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03**. SECAD: Brasília, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Descolonizar os currículos: Um desafio para as pesquisas que articulem a diversidade étnico-racial e a formação de professores**. In: trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículo e culturas. Texto apresentado no XIV ENDIPE, Rio Grande do Sul, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão** - In: Educação Anti-racista. Caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03. SECAD: Brasília, 2005.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Parecer CNE/CP3/2004.

BRASIL, Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003. **Altera a Lei 9.394 de 20 de novembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro brasileira" e da outras providencias**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 de jan. 2003.

ABRAMOWICZ, Anete; SIVÉRIO, Valter Roberto. (Orgs.) **Afirmando diferenças:** montando quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas: Papirus, 2005.

8. ANEXOS

1) Questionário:

Como você se auto-define?

() branco () negro () moreno

2) Letras das duas músicas trabalhadas na semana da palavra preconceito:

Música: Racismo É Burrice

Gabriel O Pensador

Salve, meus irmãos africanos e lusitanos,
do outro lado do oceano
"O Atlântico é pequeno pra nos separar,
porque o sangue é mais forte que a água do
mar"
Racismo, preconceito e discriminação em
geral;
É uma burrice coletiva sem explicação
Afinal, que justificativa você me dá para
um povo que precisa de união
Mas demonstra claramente
Infelizmente
Preconceitos mil
De naturezas diferentes
Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua frente
Porque se fosse inteligente esse povo já
teria agido de forma mais consciente
Eliminando da mente todo o preconceito
E não agindo com a burrice estampada no
peito
A "elite" que devia dar um bom exemplo
É a primeira a demonstrar esse tipo de
sentimento
Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação
servil
E o povão vai como um bundão na onda do
racismo e da discriminação
Não tem a união e não vê a solução da

questão

Que por incrível que pareça está em nossas
mãos
Só precisamos de uma reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral

Racismo é burrice

Não seja um imbecil
Não seja um ignorante
Não se importe com a origem ou a cor do
seu semelhante
O quê que importa se ele é nordestino e
você não?
O quê que importa se ele é preto e você é
branco
Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no
Brasil somos todos mestiços
Se você discorda, então olhe para trás
Olhe a nossa história
Os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura, então por que o
preconceito?
Barrigas cresceram
O tempo passou
Nasceram os brasileiros, cada um com a
sua cor
Uns com a pele clara, outros mais escura
Mas todos viemos da mesma mistura
Então presta atenção nessa sua babaquice
Pois como eu já disse racismo é burrice
Dê a ignorância um ponto final:

Faça uma lavagem cerebral

Racismo é burrice

Negros e nordestinos constroem seu chão
Trabalhador da construção civil conhecido
como peão

No Brasil, o mesmo negro que constrói o
seu apartamento ou o que lava o chão de
uma delegacia

É revistado e humilhado por um guarda
nojento

Que ainda recebe o salário e o pão de cada
dia graças ao negro, ao nordestino e a
todos nós

Pagamos homens que pensam que ser
humilhado não dói

O preconceito é uma coisa sem sentido
Tire a burrice do peito e me dê ouvidos

Me responda se você discriminaria

O Juiz Lalau ou o PC Farias

Não, você não faria isso não

Você aprendeu que preto é ladrão

Muitos negros roubam, mas muitos são
roubados

E cuidado com esse branco aí parado do
seu lado

Porque se ele passa fome

Sabe como é:

Ele rouba e mata um homem

Seja você ou seja o Pelé

Você e o Pelé morreriam igual

Então que morra o preconceito e viva a
união racial

Quero ver essa música você aprender e
fazer

A lavagem cerebral

Racismo é burrice

O racismo é burrice mas o mais burro não
é o racista

É o que pensa que o racismo não existe

O pior cego é o que não quer ver

E o racismo está dentro de você

Porque o racista na verdade é um tremendo
babaca

Que assimila os preconceitos porque tem
cabeça fraca

E desde sempre não pára pra pensar

Nos conceitos que a sociedade insiste em
lhe ensinar

E de pai pra filho o racismo passa

Em forma de piadas que teriam bem mais
graça

Se não fossem os retratos da nossa
ignorância

Transmitindo a discriminação desde a
infância

E o que as crianças aprendem brincando

É nada mais nada menos do que a

estupidez se propagando

Nenhum tipo de racismo - eu digo nenhum

tipo de racismo - se justifica

Ninguém explica

Precisamos da lavagem cerebral pra acabar
com esse lixo que é uma herança cultural

Todo mundo que é racista não sabe a razão

Então eu digo meu irmão

Seja do povão ou da "elite"

Não participe

Pois como eu já disse racismo é burrice

Como eu já disse racismo é burrice

Racismo é burrice

E se você é mais um burro, não me leve a
mal

É hora de fazer uma lavagem cerebral

Mas isso é compromisso seu

Eu nem vou me meter

Quem vai lavar a sua mente não sou eu

É você

Música: Quem planta
preconceito?

Natiruts

Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da
violência

Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da
violência

Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da
violência

Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar...

Lembra da criança
No sinal pedindo esmola?
Não é problema meu
Fecho o vidro
Vou embora...

Lembra aquele banco
Ainda era de dia
Tem preto lá na porta
Avisem a polícia...

E os milhões e milhões
Que roubaram do povo
Se foi político ou doutor
Serão soltos de novo
Ooooooooooooooh!

Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da
violência
Quem planta preconceito
Impunidade, indiferença

Não pode reclamar da
violência
Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da
violência
Quem planta preconceito
Impunidade, indiferença
Não pode reclamar...

- "Ainda há muito
O que aprender
Com África Bambata
E Salassiê
Com Bob Marley e Chuck
D
O reaggae, o hiphop
Às vezes não é esse
Que está aí
Seqüela a violência
Entrando pelo rádio
Pela tela
E você só sente quando
falta
O rango na panela
Nunca aprende
Só se prende, não se
defende
Se acorrenta, toma o mal
Traga o mal, experimenta
Por isso ainda há muito
O que aprender
Com África Bambata
E Salassiê
Com Bob Marley e Chuck
D
O reaggae, o hiphop pode
ser
O que se expressa aqui
Jamaica
O ritmo no pódium sua
marca
Várias medalhas
Vários ouros, zero prata

E no bater da lata
Decreto morte é o gravata
E no bater das palmas
Viva a cultura rasta"

Crianças não nascem más
Crianças não nascem
racistas
Crianças não nascem más
Aprendem o que
Agente ensina...

- "Por isso ainda há muito
O que aprender
Com África Bambata
E Salassiê
Com Bob Marley e Chuck
D
Todo dia algo diferente
Que não percebi
E na lição um novo
Dever de casa
Mais brasa na fogueira
E o comédia vaza
A moda acaba
A gravadora trai
E o fã já não
Te admira mais
Ainda há muito
O que aprender
Lado a lado, aliados
Natiruts, GOG
O DF, o cerrado
Um cenário descreve
Do Riacho a Ceilândia
Cansei de ver
A repressão policial
A criança sem presente
De natal
O parceiro se rendendo ao
mal
Quem planta a violência
Colhe odio no final"

3) Textos e atividades aplicados em sala de aula

Texto: Você é racista?

Não se culpe. Provavelmente foram seus pais que lhe ensinaram o que eles também aprenderam. A gente aprende as idéias mais absurdas desde criancinha e nunca parou para analisar seus fundamentos. Como é que pode alguém acreditar que **todas as pessoas da sua raça são melhores, mais inteligentes e mais bonitas que todas as pessoas da outra raça?** Até numa mesma família, há casos de filhos do mesmo pai e da mesma mãe que são completamente diferentes uns dos outros! É por isso que estas teorias racistas, totalmente infundadas, não encontram respostas nas ciências. Não há ciência que sustente que uma raça seja superior a outra. Não se pode confundir herança biológica com herança cultural. As teorias racistas se baseiam no “determinismo biológico”, que é totalmente falso. A cor da pele, o tipo de cabelo ou o formato do nariz não definem o caráter e nem a inteligência das pessoas. (...)

Ser o racista é mais cômodo, o difícil é ser o discriminado, o excluído e o humilhado. Já dizia Mahatma Gandhi: “*Sempre considere um mistério a capacidade dos homens de se sentirem honrados com a humilhação de seu semelhante.*” O racismo é irracional. Além de injusto e mentiroso, o racismo é vergonhoso. Ele provoca discussões inúteis, humilhações, brigas entre pessoas, entre grupos e entre países. É também o causador das brigas entre grupos étnicos de uma mesma raça. É o gerador também de brigas entre religiões. Hitler queria destruir o grupo religioso dos judeus. Portanto, o racismo é um mal, causador de guerras e como todo mal, ele deve ser eliminado. **O racismo é um verdadeiro câncer ideológico e de proporções mundiais.** Deve ser atacado até ser destruído.

O primeiro passo para se combater o racismo é reconhecer que ele existe. Se você acha que no Brasil não existe racismo e que vivemos numa democracia racial, pergunte aos negros de seu convívio ou vá a qualquer escola de periferia e pergunte às crianças e aos jovens. O segundo passo é tentar entender por que sua família é racista. Lembre-se: um fato ruim acontecido com UMA pessoa não pode ser generalizado para todos da mesma raça. Cada um é cada um. As pessoas são diferentes umas das outras. O terceiro passo é ler e refletir. Ler bastante para adquirir conhecimentos que derrubem o racismo. O conhecimento é o melhor remédio contra o racismo. Se não puder ler nos livros, leia na vida. Observe. Compare. Há muito folclore em tudo. Há muitas generalizações indevidas. Não aceite mentiras.

Ser racista por herança é aceitável. Continuar racista é ignorância, no sentido mais puro da palavra.

Quero deixar como sugestão a leitura do livro *Não vi e não gostei – O fenômeno do preconceito*, de Renato da Silva Queiroz (Editora Moderna). Linguagem simples, livro objetivo e muito esclarecedor sobre o assunto.

Para finalizar, gostaria de lembrar que, no próximo dia 20 de novembro, em homenagem a Zumbi, comemoraremos o *Dia Nacional da Consciência Negra*. Uma boa hora para refletirmos sobre o assunto. (...) Aproveito para lembrar que todo ano trocamos mensagens de paz pelo Natal e Ano-Novo. Que tal levarmos a sério esta tal desta paz? Vamos fazer algo concreto pela paz! Vamos trabalhar nos finais de ano contra os preconceitos. Fiquemos só com os conceitos. Vamos jogar fora as idéias falsas! Vamos trabalhar por justiça, eliminando as idéias injustas que nos rodeiam. Paz só se faz com justiça. Então, muita justiça para você no final de ano!

(Artigo da autora publicado no Jornal *Estado de Minas* em 14/11/2000)

Escola Municipal Professor Cláudio Brandão

DISCIPLINA:	ATIVIDADE: () SALA () CASA	DATA: / /
PROFESSOR (A) : SÔNIA	ANO: Turma:	3º trimestre
ALUNO (A):		

APRENDENDO COM AS DIFERENÇAS

A equipe da Revista Zé debateu com várias crianças entre 7 e 11 anos sobre preconceito. Muitas admitem já ter praticado ou sofrido algum tipo de preconceito, mas todas concordam que aprenderam com as diferenças.

Bruno Kraucher tem 11 anos, é um garoto alegre, de olhos claros e que tem muitos amigos. Mas nem sempre foi assim. Bruno nasceu com um problema na mão esquerda: tem apenas dois dedos. Na escola, isso sempre foi um problema. "Fico chateado porque falam da minha mão", conta Bruno. E foi por se sentir diferente, que Bruno começou a agredir todas as outras crianças da sua idade. No colégio Friburgo, em São Paulo, onde estuda há menos de um ano, Bruno não conseguia fazer amigos. Ele era muito agressivo e briguento. Até que um dia, os alunos, incentivados pelo colégio, se reuniram para falar sobre as diferenças. Foi então que Bruno ficou sabendo que as pessoas não se aproximavam dele pela sua agressividade e não porque sua mão era diferente. "Hoje sei que todos encaram minha mão como uma coisa normal e percebi que estava perdendo meus amigos", revela o garoto.

Assim como Bruno, muitas outras crianças já se sentiram excluídas por serem gordinhas, tímidas ou muito magras. Isso se chama preconceito. E, sentir que você está ficando de fora do grupo por ser diferente é muito difícil.

O garoto André Loducca, de 10 anos, fica muito triste com as brincadeiras dos colegas, que adoram dizer que ele é magro. Pelo motivo oposto, Renato Stefane, de 10 anos, já brigou com os amigos. "Fico muito chateado quando me chamam de gordo, baleia ou não me escolhem para o futebol", revela Renato, que acredita que o importante é o que a gente tem por dentro. Ele diz também que os gordinhos são os que mais sofrem preconceito.

Por outro lado, Maria de Almeida Shirts, de 7 anos, conta que já teve atitudes preconceituosas. Na sua rua, moram muitas crianças negras, só que Maria não gostava de brincar com elas porque eram negras. "Minha mãe conversou muito comigo", conta Maria, que depois disso passou a brincar com as outras crianças e a perceber que a única diferença entre elas era a cor.

Assim como Maria, muitas crianças já perceberam que as pessoas são diferentes, mas que isso não é motivo para as considerarmos melhores ou piores. Existem pessoas negras, brancas, amarelas; de religiões diferentes; gordas, magras, tímidas, de lugares e sotaques diferentes.

Tampouco é vergonhoso admitir que já teve alguma atitude preconceituosa. De acordo com Tereza Cristina Cruz, psicoterapeuta de crianças, todos nós temos preconceito e todos nós somos diferentes, até no formato da unha. "O preconceito envolve a questão das diferenças", esclarece Teresa. "E as crianças falam tudo o que sentem, veem e percebem."

Por isso é muito importante aprender a aceitar os colegas de classe, do prédio ou da rua, independente das suas diferenças.

Ana Holanda. Revista Zé. São Paulo: Pinus, ano 3, n.25, set. 1998

Escola Municipal Professor Cláudio Brandão

DISCIPLINA:	ATIVIDADE: (x) SALA () CASA	DATA: / /
PROFESSOR (A) : SÔNIA	ANO: Turma:	trimestre
ALUNO (A):		

Cores

Emily Mackinnon

A cor do meu rosto ou da minha pele
Vermelha, amarela, negra ou azul
São só aparência
Por sua causa não deixe morrer
O que pode existir entre mim e você.

Nem religião, nem idade, nem sexo
Ou se tenho dinheiro, se sou instruído,
Nada disso importa, nada tem sentido.

Ouçã o que importa, confie em nós
Igualdade, justiça, um mundo sem guerra
E varrer o racismo da face da Terra.



1) Responda as questões:

a) O texto cita algumas características das pessoas ou situações que não devem ser usadas como motivo de discriminação ou exclusão. Quais são essas características?

b) O que você entendeu do trecho "A cor do meu rosto ou da minha pele / Vermelha, amarela, negra ou azul / São só aparência..."?

c) Segundo o texto o que é realmente importante na convivência com as pessoas?

2) As palavras em destaque foram retiradas do texto abaixo. Localize-as e complete corretamente o texto.

costumes

homens

pátrias

artesãos

rainhas

africanos

crenças religiosas

mineiros

música

cultura brasileira

Os _____ vindos de reinos distantes e de grupos sociais diferentes, possuindo padrões variados de culturas, eram _____ e mulheres simples do campo, príncipes, reis, _____ e _____.

Muitos deles chegaram alfabetizados, enquanto havia senhores que mal sabiam assinar os nomes. Como era praticamente impossível voltar às suas _____, eles tiveram de aprender a língua e os _____ dos portugueses, embora tenham marcado enormemente a sua presença na _____. Introduziram novas formas no falar, nas _____, influenciaram as festas populares, a _____ e a alimentação.

PROJETO DIVERSIDADE

A PALAVRA É:

ÁFRICA

RAÇA

PRECONCEITO

DISCRIMINAÇÃO

DIVERSIDADE

Escola Municipal Professor Cláudio Brandão

DISCIPLINA:	ATIVIDADE: (x) SALA () CASA	DATA: / /
PROFESSOR (A) : SÔNIA	ANO: Turma:	trimestre
ALUNO (A):		

Leia o texto com atenção:

Uma lenda da criação do homem

RUTH ROCHA.

Cada povo, desde os esquimós, que moram quase no pólo norte, até os patagões, que moram quase no pólo sul, tem uma maneira diferente de explicar a criação do mundo, a origem dos homens, dos animais e das plantas. Cada povo conta suas próprias lendas, nas quais o seu povo é o melhor do mundo, o mais esperto, o mais bonito, mais querido por Deus.

Até as diferenças entre as raças, o fato das pessoas terem cor diferente, serem mais ou menos altas, mais ou menos gordas ou terem cabelos mais ou menos crespos, são explicadas por essas lendas. Essa que vou contar é uma lenda dos índios da América. Como vocês vão ver, eles estão crentes de que os povos morenos, bronzeados, como eles, é que são os mais bonitos.

Isso acontece com os povos primitivos. Quanto mais civilizado for um povo, mais ele vai perceber a beleza que existe nos outros, que são diferentes dele mas que têm seu tipo próprio de beleza.

Deus um dia resolveu fazer um homem. Pensou, pensou e fez três bonecos de barro. Todos muito bonitos, bem acabados. Aí achou que devia cozinhar os bonecos, como as mulheres da aldeia faziam com os potes de barro.

Enquanto os bonecos secavam ao sol, Ele fez um forno grande.

Botou bastante lenha dentro, botou os bonecos e fez um fogaréu.

Esperou, esperou e então começou a ficar impaciente. Ele estava muito animado com o trabalho e muito curioso para ver os resultados.

Não demorou muito Ele não agüentou e tirou o primeiro boneco. Que decepção!

O boneco estava cru. Branco, desbotado, pálido, parecia doente.

Ele botou os bonecos do lado e ficou esperando os outros. Desta vez teve paciência e esperou bastante. Então tirou o segundo boneco. Que alegria!

Era exatamente o que Ele queria! Bronzeado, moreno, tinha uma linda cor de saúde, estava no ponto!

Deus ficou tão entusiasmado com a Sua obra, olhou por todos os lados, achou que tinha um ótimo trabalho, que esqueceu do terceiro boneco...

E quando lembrou e foi tirar do forno o último boneco, que pena! Estava todo queimado!

É assim que os índios da América explicam a existência de brancos, negros e índios.

Interpretação do texto.

1) Qual é a idéia principal do texto?

2) Retire do texto as seguintes informações:

a) Como Deus fez o homem ?

b) Qual a alegria que Deus teve?



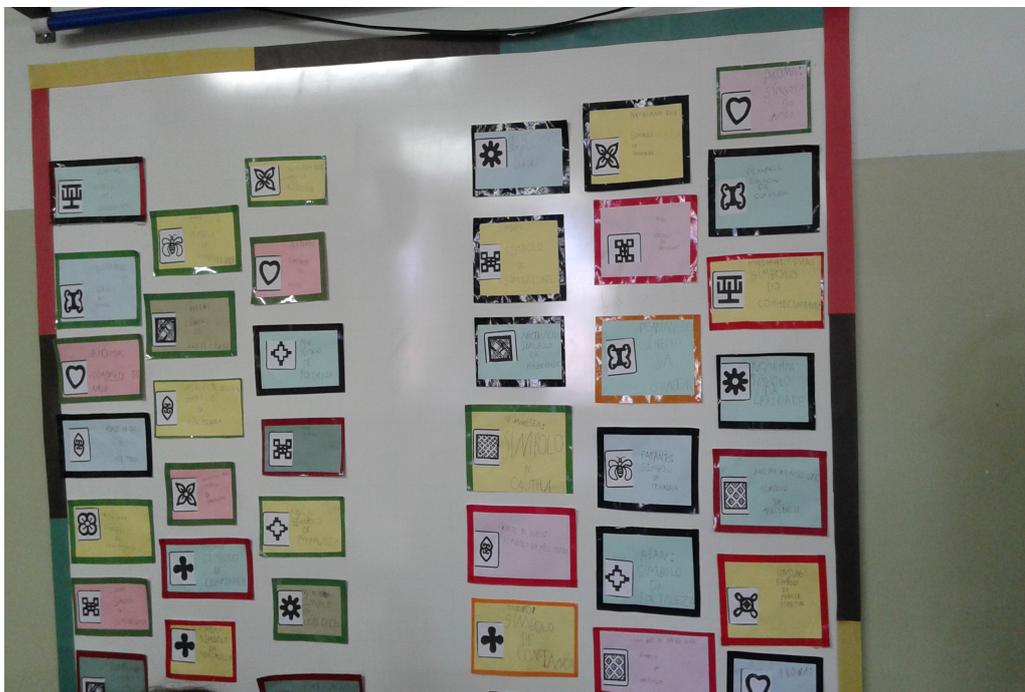
ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR CLÁUDIO BRANDÃO

PROJETO INTERDISCIPLINAR DIVERSIDADE



FOTOS

Figura 6 - Foto do Mural de símbolos africanos confeccionado pelos alunos



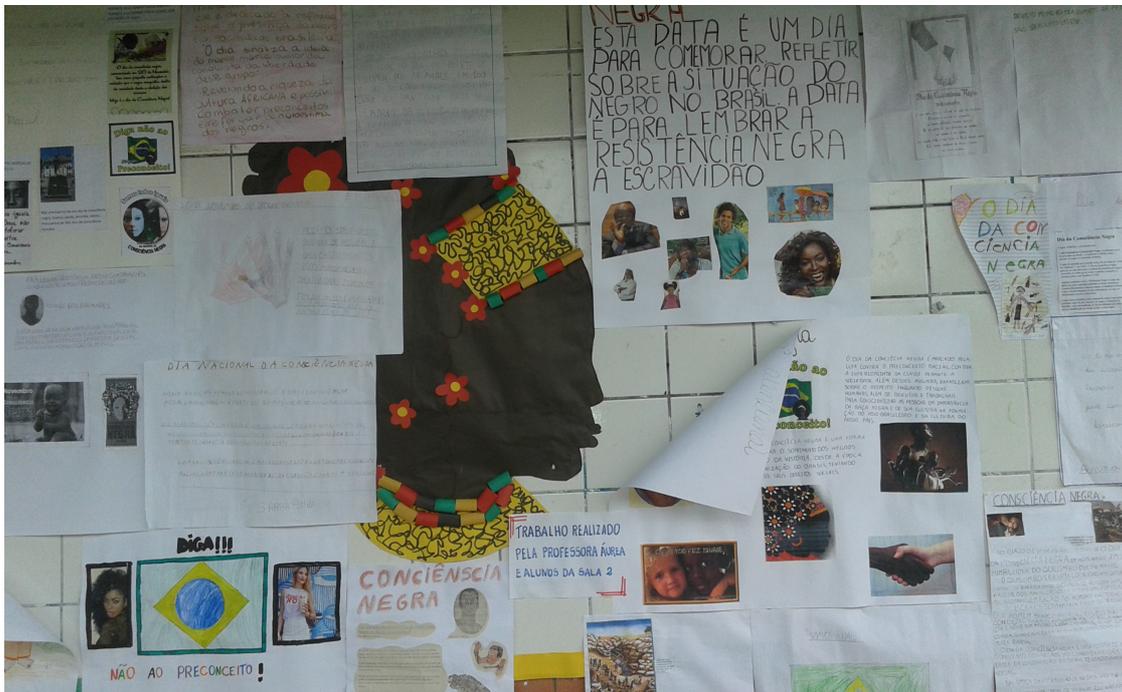
Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

FIGURA 7: Foto do mural das palavras no corredor da escola



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

FIGURA 8: Foto do mural de novidades



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

FIGURA 9: Foto da biblioteca da escola toda enfeitada.



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

FIGURA 10: Finalização do album sobre diversidade



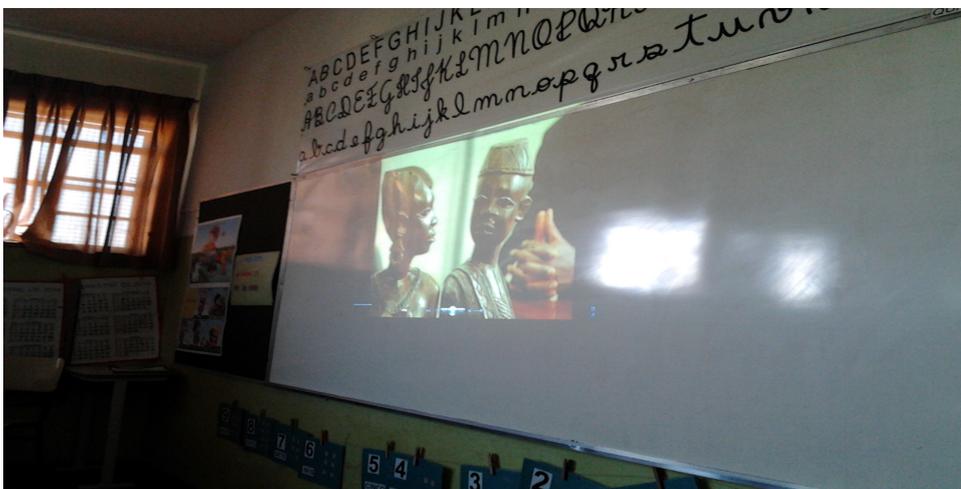
Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

FIGURA 11: Crianças assistindo aos videos



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

FIGURA 12: Crianças assistindo aos vídeos



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

FIGURA 13: Apresentação dos trabalhos sobre a África



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

FIGURA 10 : Mural feito pela equipe da biblioteca



Fonte: Arquivo de fotos do projeto Diversidade

9. APÊNDICE

Apêndice A — Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos sem fins lucrativos



Coordenadora Geral do Curso

LASEB
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 01 de novembro de 2014.

Aos Pais/Responsáveis:

A Profa. Sônia Petten desenvolverá, nesta escola, o projeto “Diversidade” relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Esse trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,


Vanessa Sena Tomaz
CIC 515 329 216-91
M 2716653 – SSP/MG
Pesquisadora

Coordenadora Geral do Curso

Nome do aluno (a):

De acordo: assinatura dos pais/responsáveis pelo(a) aluno(a):
